

# ENGAJAMENTO, PIONEIRISMO E CRÍTICA DE MANUEL DOS SANTOS LIMA, NO MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

PIRES LARANJEIRA

Universidade de Coimbra / CLP / FCT.

Manuel dos Santos Lima é um pioneiro e uma raridade no campo cultural e político dos países africanos de língua portuguesa. Arrisco-me mesmo a considerá-lo caso único em toda a África, senão em todo o universo dos países emergentes do colonialismo moderno, entendendo este como resultante da Conferência de Berlim de 1884-85. Depois de integrar o exército português, no aprendizado das funções de oficial, abandonou-o para, então, integrar o nascente exército guerrilheiro do MPLA, de que foi o primeiro responsável operacional. A partir dessa dupla e inédita experiência, ao escrever o romance *As lágrimas e o vento*, juntou-se a Pepetela, que, com a tríade de romances *As aventuras de Ngunga*, *Mayombe* e *A geração da utopia*, trata do percurso dos militantes e guerrilheiros, desde a sua formação no âmbito da casa dos Estudantes do Império, em Lisboa, até aos adolescentes («piôs») e combatentes problemáticos (ou anti-heróis), nas regiões militares em que o autor também esteve. Ambos os escritores abordam a guerrilha, como não podia deixar de ser: uma experiência dos limites humanos, em que a transcendência desaparece perante a crueza e a crueldade das relações sociais no quotidiano da guerra. Do lado português, o da «guerra colonial», há somente outros dois exemplos literários de grandeza semelhante, a partir de vivências no terreno, que são o romance de António Lobo Antunes, *Os cus de Judas*, e sobretudo o de Carlos Vale Ferraz, *O nó cego*. É evidente que, tanto em Angola como em Portugal, outros escritores tematizaram a guerra colonial, a guerra do ultramar ou a guerra de libertação nacional (conforme a muito acertada denominação tripla do jornalista e documentarista Joaquim Furtado, no seu extenso e bem documentado filme para

a TV, gravado em formato de vídeo). Desde os romances do angolano Luandino Vieira (que nunca esteve na guerrilha), até à poesia e contos de Vergílio Alberto Vieira ou aos contos de João de Melo, ambos portugueses, há toda uma literatura de guerra, que quase se constitui numa espécie de subgénero, não atingindo, porém, obviamente, esse estatuto.

Os romances de Manuel dos Santos Lima, não problematizando tão agudamente o próprio processo de luta de guerrilha, como o faz Pepetela, em *Mayombe* – com suas fraquezas e descrenças, corrupções, racismos, machismos, tribalismos, invejas e rancores –, criando, inclusive, uma personagem de mulher, Ondina, exemplar na sua pós-colonialidade, conseguem uma outra perspetiva de compreensão dual, de conhecimento da mentalidade do inimigo, somente possível pela aprendizagem no interior do meio castrense português.

O escritor é o único intelectual africano de língua portuguesa, negro, angolano, colonizado, assimilado e descolonizado, que, ainda jovem, escreveu poesia e teatro de engajamento ideológico, social e político numa linha herdeira do pan-africanismo e da negritude, quando esta deixara de ser adequada a uma estética angolana – e essa inadequação foi explicitada na palestra que Agostinho Neto proferiu na Casa dos Estudantes do Império, em 1959. O escritor, quando tinha apenas 21 anos de idade, e ainda sem obra publicada, com a exceção de textos esparsos, participou, com Pinto de Andrade, em 1956, em Paris, no 1.º Congresso Internacional dos Escritores e Artistas Negros, posando numa célebre fotografia ao lado dos grandes vultos do «universo negro». Nesse contexto e nessa sequência, escreveu poesias de teor pan-africano, referidas a África: «Esta é a terra / sem nome, sem homens, / grande e antiga / terra minha, / espaço sem dimensão, / horizonte imóvel / na extensão planetária. // Não há nada para cobiçar; / não tem dono / a sua grandeza imensa, / jaz apagado o diamante, / anónimo está o ouro, / arde o ferro / na massa subterrânea, / falta personalidade à prata»<sup>1</sup>. Por outro lado, esse teor pan-africano dirige-se igualmente ao berço do pan-africanismo, o Novo Mundo, onde o negro foi escravo: «nos meus grilhões de desespero / por todo o Mississipi, Kentucky, Alabama, / Georgia, Carolina, Louisiana, / ai / que terra tamanha / com pulmões de aço, / narinas como chaminés, / cérebro de gelo, / olhos eléctricos. / Os braços são máquinas, / o ventre é um cofre. / Não sei por quanto me venderão amanhã, / não sei onde me lincharão depois de amanhã»<sup>2</sup>.

A questão da raça (da cor da pele), enquanto categoria epidérmico-social, do racismo e da pirâmide social baseada também na raça, tanto no texto literário quanto na tese de doutoramento, sobre o branco e o negro na trilogia do Camaxilo de Castro Soromenho, atravessam o principal da sua obra. Ao investigar sobre Castro Soromenho, quando já entrara em rota de colisão e se afastara do MPLA liderado por Agostinho Neto, Santos Lima chega a uma conclusão que parece afastá-lo dos tempos e dos termos em que a negritude e o pan-africanismo alimentavam os seus textos. Veja-se a conclusão da sua tese:

<sup>1</sup> Poema «África»: 17-18.

<sup>2</sup> LIMA, 1961: poema «América»: 26.

*Escritor português ou angolano? Escritor, antes de mais «mestiço», podemos afirmá-lo agora. Não tanto pelo facto de ter mãe caboverdeana, o que segundo a escala epidérmica colonial lhe daria eventualmente o estatuto de «cabrito», isto é, um pequeno grau abaixo de «branco». (...) Soromenho é literariamente um escritor «mestiço» no sentido de que trilhou os caminhos mentais de um e outro povo, mas também escritor «completo» por ter abarcado os dois hemisférios da literatura negra dos nossos dias: o folclorizante, que mergulha na tradição oral, e o moderno, que é dominado pela problemática colonial; «completo» ainda, por atingir o universal através do particular: o processo do colonialismo português é o de todos os colonialismos europeus em África. O seu testemunho transcende assim o quadro restrito da Lunda, para ser angolano, africano e universal<sup>3</sup>.*

Não poderíamos rever Manuel dos Santos Lima, por analogia e com as devidas ressalvas, nessas palavras dirigidas a outro?

No romance *As lágrimas e o vento*, Santos Lima, muitos anos depois de publicar os poemas de *Kissange*, aborda a questão racial, numa cena em que os novatos, chegados às fileiras do movimento de libertação, são confrontados com oradores que falam do futuro país independente, ouvindo frases de teor negritudínista:

*Os ministros, todos os ministros seriam negros, assim como o presidente da República e o Primeiro-Ministro; os funcionários seriam negros, os comerciantes, negros; os polícias também; e haveria um almirante e um general, também negros. Todos os brancos seriam postos fora. Todos? Sim! Não! Os bons deveriam ficar. Os úteis também. Todos os brancos que se sentissem angolanos deveriam ficar<sup>4</sup>.*

A personagem Almi Boaventura, um homem ocidentalizado, intelectualizado, sente-se naquele ambiente quase como um estranho, perante sinais de feitiçaria, tribalismo e racismo. Almi – sendo o anagrama de Lima –, pode ser considerada uma personagem que funcionaria como alter-ego do autor. O seu percurso narrativo tem alguns pontos de semelhança com o percurso de vida de Manuel dos Santos Lima. Mais tarde, Almi, já em posição de chefia e de instrutor militar, pensará: «Se os mestiços não participassem na luta, desde o princípio, ficariam definitivamente isolados da sociedade angolana do futuro»<sup>5</sup>. Até que os guerrilheiros lhe trazem os despojos de um soldado português que fora seu amigo e assim pôde ler no caderno de apontamentos dele: «Dão-nos Lartéguy e Trinquier; afogam-nos nas baboseiras de Adriano Moreira, Jorge Dias, Silva Cunha, Reis Ventura, Amândio César e outros comparsas e proibem-nos Castro Soromenho. Estou-me nas tintas para a nossa acção “civilizadora”»<sup>6</sup>. Verifica-se, portanto, na obra romanesca de Santos Lima, tal como

<sup>3</sup> LIMA, 1975b: 169.

<sup>4</sup> LIMA, 1975a: 84-85.

<sup>5</sup> LIMA, 1975a: 195-6.

<sup>6</sup> LIMA, 1975a: 257.

em *Mayombe*, de Pepetela, uma compreensão de que o percurso para a independência não podia fazer-se de um modo maniqueísta e monolítico. Pode-se dizer que, no romance deste último, a luta de libertação nacional é vista com maior densidade, pela profusão de perspectivas narradoras, instaurando, pela primeira vez na prosa angolana, uma narração de tipo pós-moderno. Santos Lima seguiu mais uma orientação técnica de narração omnisciente, segundo o modelo realista, que, depois, abandonou, para criar algo alegórico.

De facto, no romance *Os anões e os mendigos*, o assunto principal torna-se o poder na pós-independência – considerado discricionário, autoritário ou despótico. Num espaço imaginário, mas imaginável, pela simbologia e analogia de que o leitor pode inferir uma localização espaço-temporal, o autor aproxima-se dos escritores africanos que se têm oposto aos poderes estabelecidos nos seus países, desde Mongo Beti a Chinua Achebe, Ngugi Wa Thiong’o, Soni Labou Tansi ou Christopher Akigbo, este último pagando com a vida, na guerra do Biafra, o seu posicionamento político. Analisar, por analogia, a hipotética figura de Agostinho Neto recortada na personagem do político poderoso do romance, por via de o escritor se ter transformado num acérrimo opositor do fundador do Estado-nação, será porventura menos produtivo do que inseri-lo nessa corrente de contestação generalizada dos poderes pós-independência, a que Achille Mbembe chamou de representativa dos «novos “condenados da Terra”»<sup>7</sup>. Este pensador africano lembra, aliás, que «a obra de arte nunca teve por função principal simplesmente representar, ilustrar ou narrar a realidade»<sup>8</sup>, até porque, como lembra a psicanálise lacaniana, pela voz de Didier Anzieu, o real nunca entra no texto.

A obra literária de Manuel dos Santos Lima, tal como os seus textos de intervenção, procuraram sempre encontrar um caminho considerado ideal para uma nova África e uma nova Angola. Leia-se um pequeno trecho de *A pele do diabo*: «Escolher o quê? Escolher se hei-de morrer como Luther King ou como Malcom X (...) Há que recomeçar tudo»<sup>9</sup>. Fazendo um balanço, a sua obra permanece aberta à interpretação, como um sinal daqueles tempos. Na vida real, o escritor Santos Lima abandonou o MPLA e a luta armada de libertação nacional e seguiu o caminho do exílio, tornando-se professor em vários países. Recomeçou a vida de outra maneira, inclusive ensaiando o regresso à política em Angola, mas sem resultados positivos. Quanto à história do seu país, não é possível contornar o facto de que Agostinho Neto, a partir de 1962, tinha razões fundamentais para traçar a via que levou o MPLA à independência, independentemente do que Manuel dos Santos Lima pensou, escreveu ou ensaiou.

---

<sup>7</sup> MBEMBE, 2014: 296.

<sup>8</sup> MBEMBE, 2014: 290.

<sup>9</sup> MBEMBE, 2014: 38.

## Bibliografia

ANZIEU, Didier et al. (1979) – *Psicanálise e linguagem. Do corpo à palavra*. Lisboa: Moraes.

LIMA, Manuel dos Santos (1961) – *Kissange*. Lisboa: CEI.

LIMA, Manuel dos Santos (1975a) – *As lágrimas e o vento*. Lisboa: África Ed..

LIMA, Manuel dos Santos (1975b) – *O negro e o branco na obra de Castro Soromenho*. Lausanne: Faculdade de Letras.

LIMA, Manuel dos Santos (1977) – *A pele do diabo*. Lisboa: África Ed..

MBEMBE, Achille (2014) – *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona.

